

A concepção burguesa de arte – e o que veio antes e depois

Por Chico Santa Rosa

A pergunta fundamental aqui é: o que vem a ser arte?

Em geral as pessoas não definem *arte*; apenas dão exemplos, ou reconhecem o que é uma obra ou um “produto” de arte, ou distingue quem *é* ou *não é* um artista. Não se preocupam muito em conceber o que é arte ou *o que é* o artista, ou por que ele existe, por que faz o que faz, etc. Não nos interessa aqui o conceito popularesco de arte ou de artista, embora de certo modo a ele nos referiremos também – esse conceito popularesco em geral confunde o profissional da indústria do entretenimento (o ator de televisão, que “interpreta” personagens em série, quase todos planos e estereotipados, ou o cantor de música “popular”, mais corretamente chamada de música “comercial”, que canta a mesma música por anos a fio, e por dinheiro) como sendo seus exemplos maiores (ou únicos) de “artistas”. Essa rarefação popular da cultura, contudo, quase nada tem de arte: isso é apenas o lado mais “industrial” da *cultura de massa*, e embora esteja na moda fazer apologia e alvoroço diante da mediocridade popular – chamada por outros nomes, é claro –, não estou muito preocupado em ser politicamente correto. Sigamos adiante.

Como sou um sujeito que “migrou” para o cinema (com a finalidade de continuar a escrever também na linguagem áudio-visual) tenho mais amigos e conhecidos fora da área “artística” do que dentro. Com frequência esses meus amigos ficam tentando entender o que eu faço, e por que o faço, de modo a tentar me encaixar em suas explicações sobre as coisas; tentando compreender, a seu modo, porque eu não estou simplesmente vivendo como eles, tendo os mesmos valores, os mesmos objetivos na vida e fazendo as mesmas coisas. Em geral, quando me pedem explicação, não consigo fazê-los entender. Tudo que digo que faço lhes parece perda de tempo, mesmo que, por algum instante, admirem uma coisa ou outra, superficialmente. Também considero, é claro, que o que eles fazem – correr atrás de dinheiro e tomar cerveja em botecos barulhentos e chatos – é pura perda de tempo. Paciência! Somos apenas estranhos tentando entender-se mutuamente. Eis um bom exercício de alteridade.

De qualquer modo, cheguei à conclusão que o problema desta incompreensão essencial reside na concepção de arte que a maioria de meus amigos tem – ou, simplesmente, não tem. Em geral são pessoas que exalam o modo de vida burguês moderno – e não falo isso pejorativamente, como uma espécie de condenação anti-capitalista; apenas falo classificatoriamente, já que somos todos filhos da modernidade ocidental, e essa modernidade tem como ideal subjetivo o *ser burguês*: ganhar dinheiro, ter conforto, prazer e status social. No geral, as pessoas de nosso tempo se preocupam em trabalhar, ganhar dinheiro, consumir bens materiais e tecnológicos, se divertir, casar, ter filhos, cuidar da família e fazer ou pensar em sexo. Com poucas variações, a vida moderna é isso. E onde entra a arte? Como se vê, simplesmente não entra.

Embora seja convidativo concluir que arte simplesmente não entra no estilo de vida do típico sujeito contemporâneo, isso não é toda a verdade. Afinal, esse mesmo sujeito sente necessidade de assistir filmes, de ouvir música (mais frequentemente música pop, mas às vezes até erudita), às vezes sente vontade de ler um livro ou outro, às vezes vai a um museu de artes plásticas, às vezes aprende um pouco sobre alguma arte e até posa de *apreciador das artes*. Ora! A arte está aí, não está? É a *cultura*, tão aclamada na Europa moderna, tão cobiçada pela classe média intelectualizada no Brasil! Como entender, então, que essas mesmas pessoas não compreendam um sujeito quando ele está justamente produzindo arte? A arte que, em algum momento, eles mesmos poderão vir a apreciar, mesmo que a certa distância.

Para tentar responder a essa pergunta fundamental é que teremos que entender o que vem a ser arte, ou melhor, o que vem a ser *arte* para a grande maioria das pessoas da atualidade, os burgueses e candidatos a o serem.

Pra começar, vejamos onde pode haver algum consumo de arte naquelas atividades mais habituais da maioria dos sujeitos atuais: trabalhar, ganhar dinheiro, consumir bens materiais e tecnológicos, se divertir, casar, ter filhos, cuidar da família e fazer ou pensar em sexo. A resposta é fácil: o consumo de arte pelas pessoas comuns está no item DIVERSÃO. Pode haver um pouco de arte, digamos assim, nos filmes pornográficos que o sujeito assiste; ou um adolescente pode escolher um curso superior de artes ou de cinema, e vir a se tornar alguém que trabalhe com “arte”; mas, no geral,

o consumo de arte está situado no botãozinho que diz assim: SE DIVERTIR. Tudo aquilo que listei antes como sendo atividades em que as pessoas parecem se relacionar com arte (ir ao cinema, assistir filmes, ouvir música, ir a um museu, etc.), o típico cidadão burguês ocidental faz no momento em que ele sente que precisa SE DIVERTIR. Se divertir é uma espécie de prazer lúdico e fantasioso, em que o sujeito pode, por curto tempo e em locais propícios, brincar de não ser ele mesmo a fim de ter o prazer que habitualmente ele não tem.

Geralmente o sujeito trabalha, ganha dinheiro, vai às compras, dá umas broncas ou brinca com os filhos, e depois, até como recompensa pelo dia cansativo e enfadonho, ele quer prazer. Modernamente, isso é um direito seu. Antes da modernidade, isso era um direito dos nobres e um vício dos vagabundos. Hoje é um direito de todos. Nem que seja ligar a televisão e assistir uma novela, um programa de auditório mundo-cão (em que bizarrices do cotidiano se misturam a bailarinas de biquíni) ou assistir a um filme com muita ação e poucas palavras, todo mundo tem direito a diversão. Nos fins de semana, se o sujeito é de classe média mais intelectualizada, ele ainda irá a um cinema cult ou a uma exposição em algum centro cultural gratuito. Poderá até ir ao teatro ver alguma comédia. Se é adolescente, poderá ir a um show de música pop ou a alguma festa de música eletrônica (ou alguém duvida que o DJ também seja um artista?).

Podemos, por esse caminho, começar a definir o que seja arte – pelo menos essa arte do mundo burguês moderno. Arte é fonte de prazer transcendental, prazer que retira as pessoas de seu enclausuramento material e cotidiano, onde elas se sentem fatigadas, consumidas ou entediadas pelos afazeres imediatos da existência mundana. Esse prazer compensatório vai de sexo a drogas, passando, também, por cinema, teatro, televisão, música, festas, etc – ou seja, pela arte.

O mundo burguês moderno (aquele que se segue à revolução industrial, à independência dos EUA e à revolução burguesa na França, espalhando-se progressiva e popularmente por todo o mundo) tem a peculiaridade de ser essencialmente materialista. Quer dizer: a metafísica preponderante dos modernos passou a não ser mais predominantemente religiosa, como era até a Baixa Idade Média, mas sim um *materialismo evolucionista*, uma espécie de religião que se acredita anti-metafísica. De

difusão progressiva, por meio da educação formal massificada, no século XX essa visão de mundo chegou a seu ápice.

Esse *materialismo evolucionista*, para quem não sabe, é a *religião laica* dos modernos. Nela não existem deuses propriamente ditos, mas existem inúmeros mitos, como cientistas, filósofos e até *artistas*, que lentamente, ao longo da história do pensamento ocidental, deram substância a essa visão de mundo, e que hoje funcionam como deuses para os sujeitos do presente. Na crença do *materialismo evolucionista* o homem evolui do atraso para o progresso, e este é construído pelo saber racional (científico, de preferência, embora a filosofia também já tenha ocupado este lugar), pelo avanço tecnológico, pelo aumento constante da produção industrial e do consumo, pela liberdade civil e pela igualdade de todos perante a lei. A arte aqui, como se vê, não entra. Não por acaso ela foi sempre tratada com desprezo ou ódio pelos movimentos de exacerbação do materialismo evolucionista. Revolucionários franceses, liberais ingleses, nazistas alemães, socialistas russos e neoliberais norte-americanos, todos baniram, criminalizaram, perseguiram ou desprezaram os artistas e sua arte – exceto, é claro, quando alguma imitação de arte vinha a servi-lhes em seus propósitos doutrinários, utilizada como forma de manipulação coletiva, ou como objeto comercial. É por isso que, quando mencionei mais atrás a vida cotidiana do típico homem contemporâneo, a arte também não entrava, exceto como produto de consumo massificado, na forma de diversão, de entretenimento, de passatempo prazeroso.

Dentro da visão de mundo burguesa moderna, o ser humano deve trabalhar em afazeres materiais em prol da produção de riqueza, pois a riqueza gera prosperidade pessoal e social e desenvolvimento da nação, e esta, por sua vez, gera maior riqueza, conforto e prazer para seus cidadãos. É uma bonita fantasia de *bem aventurança* coletiva, onde todo mundo almeja levar vida de burguês, ou melhor dizendo, de nobre. E a chave para essa bem aventurança é o dinheiro, que deveria ser adquirido pelo trabalho. Mas como as pessoas não conseguem trabalhar todo o tempo (embora os japoneses, chineses e coreanos às vezes tentem construir o *homo laboralis*, o sujeito que trabalha quase todo o tempo em que está suficientemente acordado para tanto), o cidadão moderno tem direito ao descanso e ao prazer, o primeiro repondo energia física e o segundo psíquica, da qual faz parte a motivação e a manutenção da fantasia para

continuar trabalhando. Arte é, aqui, um subproduto do mundo voltado para o trabalho e para o prazer.

Torna-se fácil, então, entender por que a arte é vista, enquanto está sendo feita, como algo sem sentido, como uma perda de tempo, ou como coisa de vagabundo. O sujeito moderno somente enxerga um valor moral positivo para a arte quando ela está pronta e servindo-o, ou seja, quando ela está entretendo-o prazerosamente nos seus momentos de descanso e de revigoração. Mesmo assim, arte não é vista como coisa séria, pois trabalho sério é produzir algo que sirva ao progresso material e financeiro de si próprio e, às vezes, da coletividade.

Infelizmente (ou felizmente) esse modelo de mundo, o moderno, já ruiu, embora a maioria das pessoas não saiba disso, ou se esforce por não saber – atualmente a maioria das pessoas faz um esforço ativo a fim de não conhecer a realidade, fazendo questão de viver em seus castelos de areia enquanto for possível. Todavia, a corrida para produzir bens materiais, tecnológicos e para o consumo, bem como para gerar riquezas pessoais irreais, resultou em colapso social na maioria das regiões do mundo, com massas de migrantes tentando invadir os países ricos e com hordas de mendigos perambulando pelas grandes cidades. Também resultou em criminalidade crescente e em colapso ecológico do planeta. Se os nobres (de quem os burgueses tomaram o poder político e social nos séculos XVIII e XIX) eram vazios, indolentes, hedonistas e perdulários – assim, pelo menos, eles eram pintados pelos burgueses – os burgueses foram vazios, hedonistas, perdulários e destrutivos. Triste sucessão de poder. Aqui parece valer aquela velha piada sobre a Rússia pós-comunista, onde dois russos bêbados se abraçam e se consolam diante da Perestróica. O primeiro deles diz: “É. Tudo aquilo que os comunistas nos contavam sobre o comunismo era mesmo mentira”. E o outro, para consolá-lo, retruca: “É, e tudo aquilo que eles nos cantaram sobre o capitalismo era mesmo verdade”.

Na vida cotidiana percebe-se o colapso da visão de mundo moderna ao se deparar com o que se transformou a vida real de quase todas as pessoas: uma corrida vazia atrás do dinheiro pelo dinheiro, onde cada vez mais o sujeito percebe que tudo vai desabando muito cedo (sua família, a projeção de futuro para seus filhos, a importância social de seu trabalho, a esperança de um futuro melhor, seus valores morais, suas

crenças, etc.), apenas restando aquilo que o dinheiro pode comprar no momento, geralmente prazer, conforto e segurança temporária.

Desde as últimas décadas do século XX a estabilidade da visão de mundo moderna (o materialismo evolucionista) tem se sustentado pela economia de massa, e não mais pela geração de conhecimento (acadêmico, principalmente), como fora até a primeira metade do século XX. Enquanto pensadores se tornaram arredios ao materialismo evolucionista (mostrando outra realidade em suas idéias e trabalhos), o ser humano mediano tem sua visão de mundo moderna mantida por forças sociais bem frágeis, fugazes e irreais, como a publicidade e o entretenimento de massa. Apenas propagandas de carros, de *fast food*, de cervejas, de supermercados e coisas do gênero estão mantendo viva a representação de felicidade materialista do mundo moderno. Para vender em larga escala é preciso associar o consumismo hedonista ao otimismo onipotente da visão de mundo moderna, o que também ocorre no entretenimento de massa. Músicas popularescas, novelas de televisão e filmes de Hollywood ainda se associam majoritariamente a uma visão otimista e evolucionista do mundo burguês a fim de se tornarem “produtos culturais bem sucedidos” – afinal, como eles mesmos anunciam, vendem sonhos. Ainda assim, no entretenimento isso tem acontecido um pouco menos do que na publicidade, já que em filmes americanos e em algumas músicas pops internacionais o fim do mundo moderno tem aparecido com cada vez com maior frequência, mesmo que vinculado a catástrofes materiais (cometas, bombas, terremotos, invasões espaciais, etc.) ou a temas religiosos.

Pelo entretenimento e pela publicidade as maiorias populares são mantidas infantilizadas de modo a continuar crendo nos valores e sentidos da modernidade. Num ciclo vicioso, políticos profissionais e todos aqueles sujeitos que são ou se tornam líderes de governos ou de massas populares (ou simplesmente “personalidades públicas” ou “celebridades”) precisam continuar discursando com dizeres ingênuos e falaciosos que não venham a contradizer a visão de mundo da maioria. Afinal, como há muito é sabido, o preço da popularidade é a hipocrisia.

Se a arte para os modernos era um subproduto supérfluo para as horas de folga, nesse processo de decadência da modernidade a arte parece ganhar de novo essência que talvez já tivera um dia. Se a modernidade entrou em crise, com sua visão de mundo

não servindo mais aos seus sujeitos como forma de conceber a realidade, seus preceitos (trabalhar, ganhar dinheiro, etc.) não dão mais sentido totalizante à vida de mais e mais sujeitos, progressivamente – mesmo que estes ainda sejam, até o início dessa segunda década do século XXI, minoria. De qualquer maneira, mais indivíduos se vêm *desadaptados*: outsiders, avessos, estranhos à visão de mundo e mesmo ao modo de vida moderno, o qual ainda é o da maioria, mas apenas enquanto massa que segue por inércia repetindo as ações que até bem pouco tempo davam um sentido mais consistente à vida daqueles que os antecederam.

A visão de mundo moderna ruiu, mas as pessoas continuam vivas e ávidas (pelo menos algumas) por entender a vida confusa que as cerca, e mesmo achar novos sentidos frente ao fim dos sonhos de modernidade civilizada e racional. É aqui que entra, portanto, a arte que está além da concepção de arte que apresentamos até o momento, a arte como passatempo infantil prazeroso para a massa trabalhadora, bem como a arte estética para os burgueses poderem transcender ocasionalmente sua mente de seu materialismo enclausurante. Não que essa outra arte vá necessariamente dar sentido à vida aos órfãos da modernidade. Não. Justamente a arte propriamente dita, digamos assim, surge em meio à ausência de sentido, em meio ao colapso dos sentidos. Ela surge *do vazio e no vazio*, surge no nada que resulta do esfacelamento dos sentidos transitórios da modernidade burguesa. A arte pela arte, a arte por necessidade existencial de quem a faz – seja para sofrimento dos burgueses, ou seja para o seu deleite, consumida como entretenimento, ou mesmo sem fim algum – esta arte não é pragmática como a vida voltada para o trabalho, para a produção, para o consumo de conforto e tecnologia e para a ascensão social. Esta arte não tem finalidade em si, exceto existir ela própria e aquilo que ela expressa, fazendo também existir, mesmo que momentaneamente, a individualidade de quem a produz e de quem a absorve enquanto arte.

A indústria cultural burguesa não traz essa arte em seu meio. Poderá até tolerá-la, a depender de seus objetivos econômicos; ou poderá a indústria ser utilizada por alguns artistas, se souberem eles se esgueirar entre o pragmatismo econômico e a produção industrial do entretenimento, produzindo também arte onde se espera apenas dinheiro e hedonismo. O mais comum, contudo, é o oposto, que os empresários usem os artistas, e não o contrário.

A arte que está além de seu utilitarismo hedonista burguês o sujeito que ainda se segura na visão de mundo moderna não consegue entender; afinal, ele dela não precisa, exceto naquilo que ela pode lhe dar de entretenimento, de dinheiro ou de status social – sim, também houve na modernidade, como resquício da arte aristocrática (que preponderou até o século XVIII) uma exaltação vazia da arte, como discutido no texto sobre PIMBAS. Se antes o artista precisava se esgueirar entre uma nobreza entediada e vazia, na modernidade burguesa ele teve que aprender a rastejar entre empresários do entretenimento e filhos de burgueses ansiosos por fugir da artificialidade materialista. O artista é sempre um rato.

Mas o que mesmo vem a ser esta outra arte, que estaria além de sua corruptela moderna, seja por sua afinação com o hedonismo industrializado das massas (o entretenimento, a indústria cultural) ou por sua celebração vazia entre intelectualóides deslumbrados? Sem dúvida, é uma arte que parece mais loucura do que arte, e que mesmo dialoga mais com a loucura, com a bizarrice, com a extravagância, do que com o dia-a-dia normal das pessoas comuns. É uma arte do incomunicável, uma arte do que está sufocado pelos valores e significados do materialismo evolucionista moderno; que é estranha a ele, e mesmo combatida por ele. O que, é claro, é recíproco: nada pior para o artista do que a soberania do entretenimento vazio e seus gritinhos de euforia. Não deixa de ser, contudo, também uma arte burguesa, pois surge como consequência direta da decadência das sociedades burguesas. Num olhar para o passado, quase toda a arte moderna que não ficou relegada a seu tempo foi isso, gritos de desespero.

Pra quem não está conseguindo visualizar esta outra idéia da arte, vou dar um exemplo mais concreto, mais próximo ao dia-a-dia de quem é demasiadamente moderno. No cotidiano da vida no materialismo evolucionista não há espaço para algumas expressões humanas, como sentir tristeza ou medo, por exemplo. O que aconteceu, então, com estes sentimentos ao longo do século XX? Desapareceram ante a prepotência da felicidade burguesa? Não. Foram simplesmente transformados em doenças: depressão, pânico, fobias... Somente à arte restou continuar expressando tais sentimentos sem ser pelo modo moderno de lidar com eles, rejeitando-os e tratando-os como excrescências patológicas. Um ser humano deslocado de sua natureza, como é o moderno, só tem atualmente a arte como possibilidade de expressar a si próprio com um

pouco mais de inteireza, sem ser deixando pelo caminho as impossibilidades de uma falsa condição dada pela modernidade.

Hoje em dia, quem não quer viver como um personagem do The Sims (o famoso jogo de computador onde os personagens têm cota diária de humanidade a serem cumpridas, como se alimentar, ter prazer, socializar-se, ir ao banheiro, ter educação, namorar, trabalhar, fazer sexo, etc.) tem necessidade de arte pura, independentemente de resultados e utilitarismos – e isso apenas para não sentir a agrura de uma vida artificialmente vazia e inexprimível. Claro que não apenas a arte tem ajudado as pessoas a se *desmodernizarem*: um número crescente de sujeitos tem retornado a alguma forma de religiosidade ou misticismo, às vezes de modo edificante, às vezes de modo bárbaro.

A modernidade está ruindo aos poucos; foi uma pretensiosa tentativa de humanidade, bem bonita e coerente com a capacidade humana de fantasiar, porém apontada como perigosa desde o seu auge – afinal mesmo durante a “alta modernidade” (segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX) não cessaram de existir artistas verdadeiros, que pensaram e sofreram além da necessidade hedonista da arte burguesa, como Eric Satie (1866-1925), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Franz Kafka (1883-1924), que representaram o seu tempo já como decadência.

Não confundamos, é claro, arte com a burocratização da arte ocorrida no século XX. Faculdades de arte não fazem um artista. Ensino de técnicas e de erudição, que é o máximo que se consegue em faculdades, não determina a necessidade da arte por parte do artista. Somente o aspecto lúdico da arte também não a faz. Arte é a ocupação do vazio, é a comunicação do incomunicável; técnicas, diplomas e liberdade lúdica podem não ter nada a ver com arte, exceto a forma.

Peço, é claro, desculpas pela arrogância; mas digo que ela é necessária frente às risadinhas cínicas dos burgueses modernos, que ainda se divertem comprando carros e outros badulaques para suas casinhas de areia. Podem, com frequência, parecer meros ingênuos, porém não hesitam em tentar calar qualquer voz discordante a fim de soar suas buzinas, seus gritos e suas músicas chatas. Se a pós-modernidade é uma era de lutas pelos significados e valores inerentes à cultura, que os artistas que se fazem

militantes saibam onde estão se metendo. Talvez a arte pós-moderna seja mesmo uma mistura de arte e de guerrilha.

Não creio, contudo, que apenas a arte existencialmente criativa sintetize o que seja arte em si. Apenas a necessidade de se expressar não faz a arte ser arte. Talvez a experiência *pré-moderna* de arte possa ter sido mais fidedigna da *arte em si* do que aquilo que se seguiu depois, ao menos uma experiência mais completa de arte. (Entenda-se que estou chamando aqui de pré-modernidade o período que se estende do Renascimento europeu até as revoluções burguesas já mencionadas.)

Na pré-modernidade ocidental a arte tinha um caráter transcendental; não propriamente místico, mas de elevação do ser humano ao ser melhor, ou ao seu maior potencial, à sua vida interior mais esplendorosa. Ou seja, uma elevação da vida do “espírito”; não no sentido de vida religiosa, metafísica, e sim de vida abstrata, de vida do pensamento: a vida das sensações, das idéias e dos valores mais profundos, mais sublimes, acima da mundaneidade trivial e do gosto comum. A razoável valorização que se tem ainda hoje do artista vem desta época, quando o artista era uma espécie de herói, aquele que ousava ir, com coragem, talento, dedicação e virtude, aonde os demais não conseguiam, de onde recuavam amedrontados.

A arte, nesse sentido, traz ao ser humano a experiência do belo, da sensação estética poderosa – sensorial, afetiva –, que o distancia dos ditames da sobrevivência imediata e o coloca em contato com sua capacidade de abstrair toda uma gama de existências imateriais. O artista, aqui, é quase um louco obcecado

por sua obra, com a necessidade de produzi-la, de fazê-la mais profunda, mais densa, mais virtuosa, mais transcendental: melhor e melhor e melhor... Era a época em que os artistas eram chamados de gênios, ou buscavam laboriosamente alcançar a genialidade ao longo de toda uma vida. Nada da recompensa juvenil e do conformismo com pouco; viviam a excentricidade de suas obras, muitas vezes precisando do apadrinhamento financeiro e político da nobreza para dedicar-se completamente à arte. Este foi o auge da música erudita ocidental, no século XVIII, que veio a ser chamada de “música clássica”. Depois disso, a arte tornou-se progressivamente rarefeita na modernidade; e ainda apenas um grito imediatista de desespero na decadência da própria modernidade. Também foi o berço da literatura e da filosofia de maior qualidade, que ainda resistiram até o século XIX.

Do ponto de vista dessa arte pré-moderna, do ser humano que se emancipava pela arte genial e heróica, o mundo burguês e seu materialismo tornaram-se pura experiência da barbárie, de seres humanos incompletos, rasos, medíocres, fadados a uma animalidade instintiva, a qual os empresários exploram com habilidade, vendendo prazeres e brinquedinhos sensoriais os mais variados: luzes, sons, cores, sabores e todo tipo de artefato tecnológico capaz de propiciar fortes sensações de poder e de prazer imediatos – no século XX, a “vontade de poder” de

Nietzsche tornou-se, no máximo, dirigir a mais de 250 km por hora numa auto-estrada, cheirar uma carreira de pó enquanto se faz sexo ou acreditar no esplendor humano ao se ver pela televisão astronautas ingênuos dentro de caixinhas de lata vagando inutilmente no espaço. Aliás, este parece ter sido o ápice do materialismo evolucionista ocidental: as fantasias tecnológicas e químicas do século XX.

Perto daquela ambição clássica de homem e de arte (em que a máxima transcendência humana de sua condição medíocre se daria pela vida espiritual – pelo conhecimento, pelo pensamento, pelo virtuosismo e pela estética), o homem consumista do século XX tornou-se uma aberração infantilóide. Numa espécie de regressão cultural coletiva, possibilitada pela popularização da civilidade ocidental, o que havia de pior no período pré-moderno (o apego das nobrezas européias ao seu luxo material) foi o que passou a predominar no modelo de civilidade burguesa que a modernidade se tornou.

Se a *arte-transcendência* foi engolida e destruída pela arte burguesa (a *arte-entretenimento*, ou a *arte-espetáculo*), o que restou depois dessa trituração foi a *arte-sobrevivência*: a arte como fuga, a arte como grito de desespero, a arte como revolta. Afinal, revoltar-se é inútil, porém inevitável.